

## A AMERÍNDIA É NOSSA AVÓ: APONTAMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

João Paulo Ribeiro <sup>1</sup>

*“O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas” (KRENAK, 2020, p. 40).*

**Resumo:** O artigo não separa sujeito e objeto, mas parte de um entrelaçamento próprio de uma ação pedagógica para que o homem se perceba como parte da terra, e não separado dela. Primeiramente escrito a partir de experimentações em sala de aula nos últimos quatro anos, o artigo é mais parecido com uma proposta de sequência didática permeada de reflexões. Desse modo, pretendemos contribuir para um currículo intercultural dentro de uma perspectiva ameríndia como entendimento da paisagem como linguagem convidativa ao homem na América no século XXI. Traremos assim uma sequência didática que coloca em prática um pensamento indígena, respeitando o currículo que pense a formação dos estudantes, também, para um mercado de trabalho dentro de questões relevantes como a mudança climática.

**Palavras-chaves:** Ameríndia, Sequência Didática, Escola Intercultural.

**Abstract:** The article does not establish a separation between subject and object but instead emerges from the interweaving inherent in a pedagogical action aimed at enabling human beings to perceive themselves as part of the earth rather than apart from it. Initially developed through classroom experimentations over the past four years, the article takes the form of a didactic sequence proposal interwoven with critical reflections. In this way, we seek to contribute to the construction of an intercultural curriculum from an Amerindian perspective, wherein the landscape is understood as a language that invites human engagement in the Americas of the twenty-first century. Accordingly, we present a didactic sequence that puts Indigenous thought into practice, while respecting curricular demands that also prepare students for the labor market in relation to pressing issues such as climate change.

**Keywords:** Amerindian, Didactic Sequence, Intercultural School.

### Para começo de conversa

Considerar a questão de cosmologia como um modo de ver e um modo de viver. O modo de ver está associado à linguagem que se apresenta como viva. Já não é possível o uso de dicotomias como natureza x sociedade, nem humano x animal. Elas não só implicam divisões

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pelo PPGL/UFSCar, com pós-doutorado em andamento com o projeto “*Literatura Indígena, contos folclóricos e Escrita Acadêmica de graduandos indígenas da UFSCar*”. Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq).

e diferenças, mas colocam graus de superioridade e inferioridade. O pensamento indígena aceita a diferença, uma diferença de perspectiva dado a diferença de corpos. A diferença está no olhar. E a diferença já não está dentro como numa ideia de que o pensamento está dentro, está na cabeça, na mente. Porque é justamente a concepção de mente, de raciocínio que implicaria a superioridade de um humano acima dos animais. Os animais não possuem raciocínio? Não possuem cultura? Esse é um modo de categorizar o mundo que leva à dominação, não à convivência. Para um pensamento indígena, a diferença está no corpo e implica, assim, um olhar diferente. O tatu vê como tatu, o jacaré como jacaré, e assim por diante. E nós como nós, mas não um nós-humanos que se pensa só, no centro. Além do mais, o pensamento estaria não mais dentro. O pensamento estaria numa relação de perspectiva. Sem ter um olhar que classifica. As perspectivas dos olhares é o que almejaríamos as humanidades.

### **O que vamos fazer**

São sequências de atividades que têm como objetivo prático a produção de mapa criativo do rio próximo à escola. É uma campanha que pode incluir cartaz, folder, entrevista e reportagem. Pode envolver um passeio ao rio, coleta de água, desenho de croqui, pesquisa de fauna e flora, insetos, lagartos, pássaros, árvores, plantas.

A sequência didática trabalha curadoria da informação e sua culminância pode se dar por meio de um evento cultural tendo uma série de publicações por meio de exposições. Pode-se convidar uma pessoa antiga da região, encontrar com cantadores, contadores de histórias. Construir literatura a partir das histórias. Um *podcast*.

No decorrer desse texto, falaremos sobre atividades. É preciso colocar que elas não vão seguir necessariamente como roteiro. O professor deve ficar à vontade, adiantando algumas. A visita ao rio pode ser uma das primeiras. A escrita do rio no pátio da escola também pode estar no meio do percurso e outras combinações, assim como modificações ou associações que o professor queira fazer. Pode tornar-se um projeto de feira de ciências. Um trabalho de sementes e viveiros. Integrar projetos já existentes na escola, no bairro, na comunidade. Pode ser também um projeto de sala de leitura. Para o ensino dos anos fundamentais iniciais, anos fundamentais finais e ensino médio.

A campanha fará uso de cartazes. Uma reportagem deverá relatar essas notícias da campanha juntamente com pesquisas sobre a importância das águas, poluição dos rios, construção de rodovias em torno dos rios, retificação dos rios, enchentes. Importante pesquisar

sobre parques lineares que é um outro modo de urbanismo nas cidades. Pesquisar sobre revitalização dos rios, agrotóxicos, represamento, usinas hidrelétricas.

### **Relatos de viagens**

Um trabalho com leitura de Relatos de Viagem no século XIX ou mesmo dos Viajantes do Século XVI. Fazer pesquisas em mapas, fazer mapas. Tirar fotos dos córregos, dos lugares. Uso de Relatos de Viagem.

Método: Leitura, seleção por tomada de notas com objetivos de lexicografia de topônimos, os nomes dos lugares, nomes de fauna e flora, das características dos campos, cerrados, colinas, rios, estradas. Depois, transformar as notas por tratamento em verbetes. Esses verbetes na construção de mapas para um atlas, uma coleção de mapas. A base é um olhar da Ameríndia. A teoria: Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Graça Graúna, Kaká Werá, a literatura indígena contemporânea, as cosmologias indígenas. Os resultados da pesquisa e sua dinâmica sobre o tema dos mapas de satélite. A toponímia Tupi. Conhecer como era o território nativo.

Áreas de conhecimentos para projetos de vida do estudante: Agronomia, Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo, História, Geografia.

Pesquisadores na área de agronomia: recuperar o solo nativo e sua dinâmica. As regiões de campos e cerrados foram modificadas para a agricultura. Em uma situação em que a possibilidade de melhorias no solo estaria ligada à recuperação por informações da realidade nativa.

### **A floresta e os polinizadores, as abelhas**

A floresta e os polinizadores, as abelhas. E as abelhas portadoras de cantos. A voz das abelhas é o *disse*. Para escutar este *disse*, a voz das abelhas também. Davi Kopenawa ([2010] 2015, p.97) aprende com os *xapiri*: “O mel é o alimento preferido dos espíritos e, quando as crianças tomam muito mel, os *xapiri* aparecem muito em seus sonhos, mesmo que elas ainda não sejam capazes de reconhecê-los”.

Esses *xapiri* são as imagens dos pássaros cujo canto melódico ouvimos pela manhã e à noite na floresta. Assim é. Cada *xapiri* possui seus próprios cantos: os espíritos tucano e araçari, os espíritos do papagaio (...) Os cantos dos *xapiri* são tão numerosos quanto as folhas de palmeiras *paa hana* que coletamos para cobrir o teto de nossas casas, até mais que todos os brancos reunidos. Por isso suas palavras são inesgotáveis (KOPENAWA & ALBERT, [2010] 2015, p.113).

O que se escuta é um pássaro, e onde ele está, onde eles estão? O deslocamento de não encontrar o corpo que enuncia o canto, que canta. Os espíritos nos animais estão em seus cantos. Escutamos. A floresta é repleta de árvores, uma árvore é repleta de cantos. Ainda é possível ver algumas árvores. E se esqueceram de escutá-las. A respeito do cosmológico: sol, céu, chuva ... e passa o pássaro. É um território, a maneira de como se apresenta no convite de um modo de ver.

Uma pedagogia que transforme ou apure o modo de ver. Imaginar outros modos de viver. Modo de ver para o modo de viver.

O professor pode usar cada atividade para diferentes salas, ou seguir com um grupo de estudantes. O tema é transversal e colaborativo com diferentes disciplinas, conteúdos e habilidades. Leva em conta metodologias ativas. Reúne os estudantes, trabalhando competências socioemocionais, dando sentido as suas produções tendo a escola como um centro de construção de conhecimento.

Conteúdos: Literatura, Hidrografia, Paisagem, Toponímia (nome de lugares), Patrimônio Imaterial, Ecologia.

Você vai precisar de bastantes materiais. Pode usar diferentes folhas, tinta de terra, giz de cera, giz-pastel, folha sulfite, canetinhas, lápis-de-cor, guache, aquarela. Para cada atividade, vamos fazer um poema e um desenho. O desenho pode vir primeiro, ou o poema.

Curadoria consiste na pesquisa de seleção, tratamento e publicação de informações. A publicação pretende que o leitor ou público aprecie as informações de um modo que lhe proporcione um aproveitamento de sentidos.

O objetivo é apresentar uma Ameríndia, em que o território é uma cosmologia. Aqui, cosmologia chama ao participativo. Não é um olhar distanciado. É um olhar do encontro. A participação nesse encontro é o cosmológico. Assemelha-se ao cosmológico dos cantos, das narrativas proferidas pelos conhecedores.

### **Tempo da cura**

Teríamos que o tempo anterior, diferente do tempo atual, foi marcado por competições por atributos entre corporalidades (OVERING, 1990, pp. 607-609). Momento em que aqueles corpos sendo vestimentas de humanidades diversas - gente-onça, gente-tatu, gente-jacaré, gente-nós - foram se constituindo. São momentos finais do tempo anterior, e momentos iniciais do tempo atual. Temos também, quanto a isso, a concepção da humanidade como fundo de

diversas gentes, a diferença estando no corpo, e o ponto de vista é decorrente disto. Para cada gente, um corpo que produz um ponto de vista tal (VIVEIROS DE CASTRO, [2009] 2015, p. 42) explicando, talvez, os elementos de grafismo indígena, enquanto uma roupagem apta a conferir uma transformação ao momento em “*que realça a ligação dos seres humanos com os demais elementos do cosmos cujos corpos são todos cobertos com a mesma malha de desenho*” (LAGROU, 2002, p. 38). A “condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade” (VIVEIROS DE CASTRO [2009] 2015, p. 60). E cabe salientar que nem todas as humanidades se constituíram na passagem entre tempos, com corporalidade. Alguns seres se refugiaram no meio aquático e são, em boa parte, aqueles que investem como doenças (BARRETO & SANTOS, 2013, pp. 132-133). É que o ponto de vista deles está sofrendo distorções ao momento em que suas sociedades – o meio aquático – estão sendo desconfiguradas por um manejo (VIANNA, 2013, p. 173), muitas vezes, da gente-nós. É uma teoria indígena que, em suma, compreende o ataque desses seres que se estabeleceram nos rios e igarapés. Os ataques se devem, entre outras coisas, a uma ética da gente-nós (*Homo sapiens sapiens*) que empreende gradativas e violentas ações sobre aquele meio ambiente, envolvendo assim sua modificação. O tempo da cura para um território que passa pelo tempo do terror quando de sua destruição. E infelizmente, muitos rios se encontram por essa situação. É uma batalha conjunta pela proliferação da vida, um surgimento que a partir dos detalhes se multiplica, ganhando nossa visão.

### **A imagem no olho ouvindo**

A geografia viva e a arte como encontro a partir de entender o território como linguagem. A poética é um xamanismo quando se percebe nesse encontro. O encontro proporciona um estar. É o participativo que existe nos cantos. Na Ameríndia é preciso ver ouvindo.

Um exemplo desta poética é, entre o povo Tikmũ’ũn, conhecido como Maxacali, do vale do Rio Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais (TUGNY, 2013, p. 17):

o oo e oo  
o oooo  
o oo e o  
guegueguegue  
a cauda do peixe pequeno fez  
guegueguegue  
o a oo a o  
o oooo a o  
minha imagem no olho

Faça uma ilustração para o poema usando sua imaginação, ou melhor: as imagens no olho ouvindo. Depois, em outro momento, pesquise: Quais os peixes que existem na tua região, ou existiam?

- a) Selecione as imagens dos peixes
- b) Salve-as em documento digital.
- c) Construa pranchas com as imagens e os nomes dos peixes. Elas servirão para futuras consultas e como material didático para próximas atividades. Podemos até montar um kit! Replicar em outros lugares.

### **Pesquisa de campo**

Existem pescadores na sua comunidade ou no entorno da escola? Eles conhecem os territórios de pesca? Você pode estar fazendo pesquisas com fontes históricas vivas. Podemos encontrar verdadeiras bibliotecas-vivas. São os nossos velhos. Fontes de sabedoria. Eles nos apontam o futuro. O passado nos aponta o futuro. É um desdobramento dessa atividade. Pode levar a uma coleta de informações por entrevistas com objetivos de coletar imagens do passado. Pessoas da comunidade ou familiares do estudante podem ser os entrevistados. Aproveite e fale da campanha para seus parentes. Como pré-entrevista, prepare uma ficha de dados (nome, idade, profissão, onde nasceu, onde mora, bairro); prepare um roteiro. Tenha a seguinte pergunta como direção: “Lembra do lugar onde cresceu, você morava com seu pai, com sua mãe, como era esse lugar? O entrevistador não pode esquecer que, enquanto pesquisador, ele pretende captar imagens do passado, dos rios, das paisagens.

### **É preciso apurar a escuta, e a visão**

Na Ameríndia, escutar é uma atividade essencial. E há diferentes maneiras de se escutar. Pode-se escutar sendo onça, pode-se escutar sendo anta. E para encontrar mel, como é melhor escutar? Sendo um animal que gosta de mel. E é preciso escutar as abelhas. Isso pode ser difícil, principalmente onde tem muito barulho de cidade.

O canto como o *disse* das abelhas que dá vida ao escutar do sujeito. Davi Kopenawa sobre conhecimentos e de como eles nos ensinam, nos fala dos cantos do *xapiri*:

Eles vão colhê-los nas árvores de cantos que chamamos *amoa hi*. *Omama* criou essas árvores de línguas sábias no primeiro tempo, para que os *xapiri* possam ir lá buscar suas palavras. Param ali para coletar o coração de suas melodias, antes de fazerem sua dança de apresentação para os xamãs. Os espíritos dos sabiás *yōrixiana* e os espíritos *japim ayokora* – e também os dos pássaros *sitipari si* e *taritari axi* – são os primeiros a acumular esses cantos em grandes cestos *sakosi* (KOPENAWA & ALBERT, [2010] 2015, p. 113).

Os cantares dos pássaros, sapos, cigarras – aprender a escutá-los quando já se constituindo deles. Os pássaros têm seus cantos, as árvores estão plenas de cantos, de dia e de noite. Os sapos fazem o turno da noite.

Desenhar os pássaros. Fazer uma pesquisa dos pássaros da região. Desenhe a árvore de cantos. Que cores têm os cantos? São flores? Como podemos fazer uma instalação artística?

O que é instalação artística? É uma maneira de apresentar as publicações para um público de modo a vivenciarmos um mundo de maneira diferente. Poderíamos usar os sons dos pássaros. Reproduzir os cantos dos pássaros. Uma caixinha de som, um celular escondido. Um desenho grande da árvore dos cantos!

## **Os sapos**

Os sapos também buscam seus cantos nas árvores dos cantos. Qual o ambiente em que os sapos gostam de viver? Onde está localizado o território dos sapos?

Veja a obra artística abaixo que é do artista Jaider Esbell, filho do povo macuxi. Como é a vestimenta do sapo? Quais desenhos possui? O sapo canta para acessar as perspectivas ou estaria ele cantando para o encontro do lugar das perspectivas?



Vamos construir o habitat do sapo? Conhecer seus cantos? Construir uma exposição onde o visitante pudesse escutar esses cantos com as imagens. Uma rotação por estações que pode ser ampliada, para cada sala um ambiente dos pássaros, outro dos sapos, das abelhas, dos mamíferos!

### **A flor e as abelhas**

Desenhar a flor na árvore e as abelhas. Pesquisar as diferentes abelhas. Desenhá-las pequenininhas. Desenhar maiores, com os pólen das flores fazendo uma vestimenta nelas. Seria possível expressar o som no desenho? O que são onomatopeias?

É preciso saber escutá-los. E quando se escuta é se constituindo. O aspecto corpo torna-se, pois, o aspecto canto dos espíritos, em espíritos-nós. Nos cantos, o aspecto galhos das árvores, os galhos de uma árvore, carregados de cantos.

Já pensou em filmar árvores, com a câmera virada para as suas copas, debaixo das copas das árvores? E as pétalas de uma flor? A terra-flor.

Entre o povo Tikmũ'ũn, é comum sempre visitarem seus territórios. Para isso, conservam, pois, os seus cantos, “cantos para percorrer o mundo” (TUGNY, 2013, p. 31). Seus cantos são elementos fundamentais. Entre estes cantos, cantos para “mudar de lugar para ver o mundo de várias formas”.

Os Tikmũ'ũn gostam de imaginar como é ver o mundo, as coisas, as pessoas, as paisagens, a partir de vários pontos de vista (...) Olhem como um objeto é visto de diferentes formas: um pássaro sobrevoa uma folha na água e a observa de cima; um peixe passa por baixo da folha, e consegue ver o seu outro lado; uma lagarta repousa sobre a folha e

sente sua textura. São diferentes maneiras de experimentar a folha, de conhecer as coisas. Por isso, para aperfeiçoarem seus conhecimentos sobre o mundo, os Tikmũ'ũn acham importante observar e estar próximos de muitos animais (TUGNY, 2013, p. 31)

Já pensou a imagem de rios repletas de pássaros sobrevoando e os peixes no céu subaquático? O rio não é o céu dos peixes? Vamos fazer um exercício de perspectivas. Usaremos de poemas de três versos, ou cinco. Manteremos a concisão, eliminaremos tentativas de exercer um pensamento de explicação. Deixe que os versos, assim como os cantos mostrem imagens de perspectivas. Podemos usar dos modelos do verso japonês conhecido como *haikai*.

### A árvore sagrada

Em *Ywyrã Ñe'ery*, León Cadogan, em algum momento, quer saber a qual árvore se referem os guaranis como árvore sagrada. Se é o cedro *Ygary* que aparece nas narrativas de criação. Conta também que “o verdadeiro nome do cedro ou *Ygary* seria *Jesuka Venda*, nome que se poderia traduzir por: lugar onde reside *Jasuka* (...) que *Jasuka* é (...) o ‘elemento vital’ de onde surgem os deuses, o universo” (CADOGAN, 1971, p. 24, tradução nossa). Não é que Cadogan está querendo identificar essa específica árvore, mas que nota a existência, entre as culturas guaranis, de várias árvores relacionadas aos atos de criação aos quais fazem referência as narrativas. É aí que já se considera a referência feita ao ato de criação ou criação agindo.

Cadogan formula uma pergunta a Alberto Medina:

- Há árvores que em certas épocas do ano deixam cair gotas de orvalho. Como vocês designam tais árvores?
- Quando os meninos encontram árvores dessa classe, vem e nos contam: -*Pépy ywyrã ñe'ery hi-ãi* = lá (asinalando) se ergue uma árvore *ñe'ery*. – Agregou que são *ywyrã ñe'ery* o *Ygary*, o *Ychapy'y* (...), e uma árvore chamada em *mbyá* *Ywyrã kachĩ* = árvore de cheiro penetrante (CADOGAN, 1971, pp 25-26, tradução nossa).

O que toca, que vai ao encontro, que possibilita o encontro, a gota de orvalho. Vamos fazer a árvore sagrada com uso de guache?

Mamoeiros, Jabuticabeiras, Urucunzeiros, Araçoiabas, Ypês, pés de flores e pés de frutas. Agora é a hora de pesquisarmos as árvores. Fazermos tipos para cada árvore, deixando-as em um estilo. Cada tipo de árvore um desenho como protótipo, legenda. Em uma próxima etapa, iremos reflorestar um território via mapa criativo.

No caminho de volta  
no pé da Serra do Mar  
vislumbro uma árvore curvada pelo tempo  
suas raízes abraçam a terra  
e seguem o curso natural das águas  
onde mil pássaros alimentam  
seu eterno canto  
(Graça Graúna, 2001)

O poema acima, de Graça Graúna, filha do povo potiguara, habitante das matas atlânticas entre Rio Grande do Norte e Paraíba, nos traz uma imagem de encontro, tempo e espaço, de encantados. Esse poema deverá ilustrar essa nossa etapa de pesquisa. Já fizemos algumas exposições. Já produzimos materiais de apoio. Abelhas, pássaros, sapos, peixes. Agora é a vez das árvores. Podemos usar das imagens das obras da artista brasileira Tarcila do Amaral, como referência e/ou releitura.

### **Visitando nosso avô, o rio.**

É uma visita direcionada que se fará ao rio. Os estudantes farão um croqui. Coletarão folhas. Tirarão fotos como modo de documentar a fauna e a flora. Os insetos, as aranhas. É uma pesquisa científica.

Afinal, o que é um croqui? O croqui é um esboço inicial de um projeto. O croqui é bom para representar paisagens. É um desenho feito a mão, para o nosso caso, do rio. Pode ser feito na visita. A visita pode ser feita por meio de mapas digitais.

Uma vez um grupo de estudantes visitaram o rio que passava atrás da escola deles, situado em uma periferia de cidade. Eles já tinham feito o desenho dos rios da região a partir de cópias em mapas de satélites. O rio, um córrego que recebia esgotos. Os estudantes não sabiam do estado dele. O dia da visita foi um dia triste. Nosso avô não estava bem. Em algumas crianças caíam lágrimas de seus olhos. Foi então que elas tiveram a ideia de desenhar como elas sonham o rio.

### **A amizade cosmológica: sonhar a aldeia**

Uma Aldeia que podemos compreender como aquela da descendência é de uma amplitude não limitadora ao momento em que “os seres da natureza e a Grande Mãe” (JECUPÉ, 2002, p.17) atuam no convite urgente para uma saída. Desde as narrativas de surgimento à

literatura indígena contemporânea. Se retomarmos aquelas palavras sobre o indígena andando pela cidade, elas nos remetem à questão da diáspora indígena (GRAÚNA, 2013) de onde podemos encontrar a descendência a transitar por diferentes contextos desaldeados, o que não implica na perda de uma referência identitária, mesmo que não se saiba de onde começou a diáspora. Uma diáspora ainda mais ampla que pode nos tornar cada vez mais distanciados de um yvára che ra'e. De um estar aqui. Neste sentido, a amizade cosmológica seria o que constrói uma identidade em poema do mundo. O tempo da cura.

São os encantados, os conhecimentos de uma amizade cosmológica que se apresentam. Ailton Krenak explica disto “(...) o sonho é o instante em que nós estamos conversando e ouvindo os nossos motivos, os nossos sábios, que não transitam aqui nesta realidade. É um instante de conhecimento que não coexiste com este tempo aqui” (KRENAK, 2015, p. 93). Pelo espaço-tempo que se apresenta nos sonhos, o conhecimento da “amizade cosmológica” se veste, assim como vai se apresentando na construção da realidade pelos cantos xamânicos, nas narrativas escutadas, nas imagens poéticas das escritas, de mundos onde quase tudo tem vivente.

Nessa etapa, poderemos fazer pesquisas sobre habitações. O estudante deverá refletir sobre as habitações da gente-onça, da gente-tatu, gente-sapo, gente-pássaros. Sobre a sociedades deles. Poderá fazer pesquisa sobre habitações indígenas. Pensar o modo de morar.

Chegamos, com isso, nas etapas finais de nosso projeto de tempo de cura. Esperamos que o estudante esteja forte, corajoso. Que tenha recebido o benzimento da visita do beija-flor, das abelhas. Que se percebeu flor. Que foi abençoado pelos galhos-ramos das árvores quando passava. Que cantou o canto de agradecimento pelo encontro, para acessar o encontro. Que escutou cantando o canto de conhecimento das árvores e outras gentes.

### **Vamos desenhar o rio no pátio da escola**

Com giz de lousa de diferentes cores. Faça um rio bem comprido e com muitas curvas. Capriche nas curvas. Use giz azul. Depois faça as árvores. Cada jovem ficará responsável por uma parte do trajeto do rio. Os estudantes estão em volta do rio em sua extensão como desenhada no pátio da escola. Cada um fará árvores, aves, peixes, abelhas. É uma intervenção positiva no espaço da escola. Uma intervenção artística. Uma instalação viva. O desenho não durará por muitos dias. O giz de lousa apaga. E nisso está o esforço da instalação. A instalação para os outros dias. Quem desenhou? O que é isso? A nascente de um rio passa por aqui?

## Mapa criativo

1) Pegar uma folha pequena, entregar aos estudantes. Desenhar os cursos dos rios da região. Os igarapés, os afluentes, os encontros dos rios, a foz até chegar a um rio principal

2) Desenhar o mesmo curso dos rios em um papel maior – um papel pardo de dimensões de folha A0 ou A1. Os estudantes podem estar divididos em grupos. Cada grupo com um mesmo mapa desenhado. O professor deverá pensar esse momento também como um evento. As pessoas passam e se perguntam sobre o que estaria acontecendo. Os estudantes desenharam o mapa criativo. Fazendo as árvores, os animais, os peixes, as habitações. O mapa criativo não se preocupa com exatidões, escalas. Ele é criativo pois produz não um território real. É um território que se abre como uma flor.

## Yvy potyra, a terra que se abre como flor

*Yvy Potyra* (terra-flor) – em referência a terra [yvy] que se abre como flor [poty; potyra; yvoty] no e pelo *Yvára*. O Beija-Flor como que em leque de um cocar expandindo o *Yvára* desde o céu até a terra iniciando um tempo novo, seja primavera, verão, inverno ou outono, ou em direção Leste-Oeste – nascer e descansar do sol; seja apontando um caminho a seguir, a migrar, em êxodo: uma historicidade.

Para os povos indígenas, em uma situação de áreas demarcadas pelas grandes propriedades em uma extensão em que os territórios tradicionais estão diminuídos a reservas insuportáveis ao bem-viver, a busca pela Terra-sem-Mal não é possível de se fazer em uma linha sintagmática pela terra tal como se encontra com cercas. Se as possibilidades diminuíram no nível de certo pessimismo agudo, enquanto houver *Yvára* ainda pode acontecer algo. Não se desistirá. É necessário sempre imaginar, buscar no pensamento, com um corpo no pensamento, uma geografia como as geografias de percursos nas narrativas míticas, lugares conhecidos de caminhos que podem comunicar o incomunicável.

No poema abaixo, uma espécie de benzimento, de batismo pelas palavras, de um Tempo de Cura para a percepção da Ameríndia, da Abya Yala, Pindorama, de uma territorialidade. Um estar – *reko* em guarani. O poema é uma tradução de *Ayvu Rapyta*, de Leon Cadogan (1959). Versa sobre cosmologia. A proposta da tradução para uma cosmologia que não é algo distante, mas proporciona ao *reko*. A cosmologia como participativa, uma amizade cosmológica.

Nande Ru último pai-principia  
teu corpo embogerá

de há muito tempo noite.

Yvára, entre o pé  
redonduzindo assento  
entre há muito tempo noite  
guerogerá.

Yvára saber-ser-que-há luzindo olho  
yvára o ainda escutado  
yvára entre a mão, coluna-taquara  
yvára entre a mão florilhando pontas  
guerogerá Namandui.  
entre há muito tempo noite

Yvára ponta instante  
cocar das flores  
orvalho vendo  
Yvára por entre o cocar das flores  
o há muito tempo pássaro, Beija-Flor,  
voa havendo.

Ñande Ru desde principia  
Yvára corpo teu guerogerá  
há havendo,  
vento há muito tempo está havendo:  
altar terra será sem saber  
antes para ser de si  
céu será, terra terá  
estando começo que era  
sem saber antes para ser de si  
disse doce Beija-Flor  
Beija-Flor yvaraka a Ñamanduí

Ñande Ru Ñamandu desde principia  
o ceú será sem guerogerá  
sem antes, passando  
noite Ele não viu:  
quando o sol sem estar ainda;  
luzindo o peito está havendo  
no yvára no saber-que-há  
aprendeu-se sol saindo

Ñamandu Ru Ete desde principia  
vento há muito tempo está havendo  
respiro contínuo  
A coruja faz noite vindo:

entende já o altar noite  
Ñamandu Ru Ete desde principia  
sem guerogerá céu será  
antes;  
Terra Principia sem guerogerá  
passando;  
o vento há muito tempo Ele está havendo:  
Ñande Ru no lugar em que o vento  
há muito tempo vem novamente  
em cada há muito tempo dia  
há muito tempo cada dia se vive  
a cada novo a cada vem novamente  
quando há muito tempo dia acaba,  
na filha flor muda o vento no dia novo  
já vento novo, dia novo, dia novo vivente.

(RIBEIRO, 2022, p. 214-215)

O convite de uma sequência didática para quem se percebe em uma territorialidade sagrada. Para ampliar pelo mínimo uma visão que se expande para um estar aqui de alteridade, de transformação da pessoa, de sua relação com que se chama meio ambiente, ecologia.

É um estar junto aos povos indígenas. Um estar junto em um território que se abre como flor.

### **Concluindo**

Iniciamos esta conclusão listando alguns volumes de grande importância, de autoria de escritores indígenas brasileiros, e em anexo, outras fontes de pesquisa. O material pode ser lido pelos estudantes de Ensino Médio com e sem a orientação do (a) professor (a), o qual poderá sugerir apenas alguns capítulos, se for o caso:

1. GRAUNA, Graça. *Criaturas de Ñanderu*. Barueri-SP, Manole, 2010.  
É uma literatura infantojuvenil que pode ser lida por todas as idades. Nos ensina sobre o respeito aos ensinamentos dos mais velhos e o quanto estamos em transformação ética e para estar sempre esperto com o mundo estranho da cidade.
2. JECUPÉ, Kaka Werá. *Oré awé roiru'a ma*. Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo. TRIOM, 2002.  
Conta uma saga por uma grande cidade onde, por meio de encontros surpreendentes e cantos sagrados, se desencadeia um processo de cura.
3. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Apresenta o pensamento indígena que apesar de ser uma das primeiras vítimas das mudanças climáticas, é também o que apresenta soluções. Os conhecimentos milenares dos povos indígenas podem oferecer soluções sustentáveis para o cenário contemporâneo.

4. KOPENAWA, DAVI & ALBERT, BRUCE. *A Queda do Céu*. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Com certo teor profético alerta o “povo das mercadorias” e para o modelo de destruição. Ao mesmo tempo que traz uma visão sagrada da terra, das árvores, dos animais e dos espíritos.

5. RIBEIRO, Ademario. *Oré-Íandé* (Nós sem vocês – Nós com vocês). Edições Kurupyra, 2020.

Traz lições para a sala de aula sem se descuidar de ensinar a cantar. O livro é um convite para cantarmos e dançarmos juntos celebrando a identidade sempre nascente.

6. TUGNY, Rosângela Pereira de (org.). *Cantos Tikmũ'ün para abrir o mundo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

*Cantos para ver, ouvir, pensar e agir. Cantos para multiplicar as coisas que existem. Cantos para ver o mundo. Cantos para abrir a escuta. Cantos para percorrer o mundo. Cantos para não esquecer o nome das coisas.* O conteúdo do livro é mais que sugestivo!

Consideramos importantes essas sugestões, pois no decorrer deste texto propusemos uma série de atividades que podem, para alguns, parecer por demais elementares para jovens de quinze anos ou mais. Com essas leituras, no entanto, pode-se compreender melhor o quanto precisamos todos, particularmente neste momento atual, nos sensibilizar em busca de novos caminhos – que não sejam aqueles que nos estão levando, a cada instante, a uma proximidade maior do “fim do mundo”.

As atividades propostas nos itens anteriores possuem essa perspectiva, da sensibilização, por meio de caminhos aparentemente simples. Pois nos parece, afinal, que precisamos despertar nossos órgãos do sentido, para que as ideias não ocupem nossa mente de uma forma vazia e apenas informativa.

### Referências bibliográficas

BARRETO, J.P.L. & Santos, G. M. Os seres e as espécies aquáticas: alguns aspectos da teoria tukano sobre humanidade e animalidade. In: Amoroso, M. & Santos, G. M. (Org.). *Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia*. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. *FFLCH/USP, Boletim N.227, Antropologia N.5*. São Paulo, 1959.

\_\_\_\_\_. *Ywyrá ñe'ery: fluye del árbol la palabra; sugerencias para el estudio de la cultura guaraní*. Assunción, Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, 1971.

GRAÚNA, Graça. *Tessituras da Terra*. Belo Horizonte: Edições M.E, 2001.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. [2010] 2015.

KRENAK, Ailton. Receber sonhos. In COHN, Sergio (Org). Ailton Krenak. *Encontros*. Rio de Janeiro, 1 ed., Azougue, 2015.

\_\_\_\_\_. (2020) *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Companhia Das Letras, 2020.

LAGROU, E. O que nos diz a arte Kaxinawá sobre a relação identidade e alteridade? *Mana*, v.8, n.1 pp.29-61, 2002.

OVERING, Joanna. The Shaman as a Maker of Worlds: Nelson Goodman in the Amazon. *Man*, vol.25, N.4, pp. 602-619, 1990.

RIBEIRO, João Paulo. Com o Mbaraká entre as palmas das mãos das plavaras: uma poética do traduzir Ayvu Rapyta na Ameríndia. *Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, programa de Pós-Graduação em Linguística*, 2022.

TUGNY, Rosângela Pereira de (org.). *Cantos Tikmũ'ũn para abrir o mundo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VIANNA, J. J. B. De deslocamentos e alter-ações: os ataques yòpinai e os sentidos da doença entre os Baniwa. In. AMOROSO, M. & Santos, G. M. (Org.). *Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia*. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, [2009] 2015.

## ANEXO

Sugestões de filmes

[Video nas Aldeias - YouTube](#)

Uma série de vídeos que retratam a aldeia a partir de uma visão indígena. Mostra o dia a dia das crianças indígenas desde a brincadeiras, excursões com a família, a conflitos. A linguagem dialoga com um público amplo.

[SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida - YouTube](#)



Relaciona os saberes indígenas com outros saberes. Em um diálogo de práticas e aprendizagens é apresentada uma linguagem que inclui rodas de conversas, ciclos de leitura, animações. Os saberes nos despertam para uma vivência e intelectualidade ímpar.

#### [Brô MC's - Tema - YouTube](#)

O Rap Indígena como instrumento de transmitir uma mensagem para os povos do mundo. Em uma linguagem jovem, a força do/hip hop se alia com a voz indígena. É contagiante e nos leva a uma diversidade ao querer conhecer músicas em línguas indígenas.

Sugestões de sites:

<https://pib.socioambiental.org/pt>

Site riquíssimo, que suprirá o jovem com informações bastante completas sobre todos os povos indígenas brasileiros, suas línguas e aspectos geográficos, históricos e culturais.

#### [Biblioteca Digital Curt Nimuendajú \(etnolinguistica.org\)](#)

O valioso acervo ajunta a produção sobre temática indígena produzido desde o século XVI. É uma verdadeira viagem por uma biblioteca virtual onde o pesquisador se encontra com preciosidades de relatos de viajantes, etnografias, gramáticas, documentos históricos, informações arqueológicas e geográficas.

#### [Leetra Indígena \(ufscar.br\)](#)

A revista contempla literatura indígena e artigos científicos e demonstra a contemporaneidade dos estudos indígenas. Recepciona uma diversidade de produção sobre a temática e está aberta a parcerias com educadores.